

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



**CRIANDO UMA MEMÓRIA COLETIVA E PESSOAL EM *TODAS AS*
MINHAS FILHAS (2023)**

MESTRADO EM DESENVOLVIMENTO DE PROJETO CINEMATOGRAFICO
ESPECIALIZAÇÃO EM REALIZAÇÃO
TRABALHO DE PROJETO

Bianca do Rêgo Silva

Outubro / 2023

INSTITUTO POLITÉCNICO DE LISBOA
ESCOLA SUPERIOR DE TEATRO E CINEMA



**CRIANDO UMA MEMÓRIA COLETIVA E PESSOAL EM *TODAS AS*
*MINHAS FILHAS (2023)***

TRABALHO DE PROJETO

Bianca do Rêgo Silva

Trabalho de Projeto submetido à Escola Superior de Teatro e Cinema para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento de Projeto Cinematográfico – especialização em Realização, realizado sob a orientação científica de Fátima Chinita, Professora Adjunta a título definitivo na ESTC.

**CRIANDO UMA MEMÓRIA COLETIVA E PESSOAL
EM *TODAS AS MINHAS FILHAS* (2023)**

RESUMO

Todas as Minhas Filhas será um longa-metragem sobre saúde mental partindo da minha experiência como mulher, neurodivergente e brasileira. O filme terá dois domínios; no primeiro, uma atriz realizará uma performance simbólica da minha experiência nesse universo da saúde mental, e um segundo domínio, de elementos documentais, que mostrará o dia-a-dia de uma ala psiquiátrica no Brasil, juntamente com entrevistas de colegas que foram internadas comigo nesse hospital alguns anos atrás. Para a conclusão do Mestrado gravei somente um trecho desse longa-metragem: parte da performance e entrevistas de mulheres que passaram por internações psiquiátricas no Brasil. Também fiz uso de uma edição com características experimentais para mesclar esses dois momentos, assim como animações para ilustrar as histórias contadas pelas ex-pacientes.

Meu objetivo com o objeto fílmico é narrar minha experiência com a internação psiquiátrica, expor, a partir das nossas visões particulares, atitudes sexistas que ocorrem nesses locais, e mostrar como essas experiências podem ser vivenciadas de forma insalubres; mas, ao mesmo tempo, demonstrar que as pacientes também podem construir uma comunidade entre si.

PALAVRAS-CHAVE

Mulher, Autobiografia, Brasil, Saúde Mental

TÍTULO DO PROJETO FÍLMICO: *Todas as Minhas Filhas*

**CREATING A COLLECTIVE AND PERSONAL MEMORY
IN *ALL MY DAUGHTERS* (2023)**

ABSTRACT

All My Daughters will be a feature film about mental health based on my experience as a Brazilian neurodivergent woman. The film will have two domains: in the first, an actress will perform a symbolic performance of my experience in this mental health realm; a second domain includes documentary elements of the daily life of a psychiatric ward in Brazil will be shown, alongside interviews of colleagues who were hospitalized with me in that psychiatric ward some years ago. For my master's degree, I filmed a portion of this feature-length film: part of the performance, and interviews with women who had been hospitalized in psychiatric wards in Brazil. I also used experimental editing to merge these two moments and animations to illustrate the stories told by the former patients.

My aim with the film is to narrate my experience with psychiatric hospitalization, to expose what from our perspectives are sexist attitudes that occur in these places, and to show how distressing these experiences can be, while showing that the patients can also build a community among themselves.

KEYWORDS

Women, Autobiography, Brazil, Mental Health

FILM PROJECT TITLE: *All My Daughters*

ÍNDICE

Capítulo I: Considerações Iniciais.....	5
Capítulo II: Autobiografia e Documentário.....	8
Capítulo III: Referências e Apreciação.....	10
Capítulo IV: Produção.....	25
Capítulo V: Considerações Finais.....	30
Bibliografia.....	31
Apêndice.....	33
I. Roteiro	
II. Ordem do dia	
III. Autorização de Imagem: Clotilde Latour	

Capítulo I: Considerações Iniciais

Todas as Minhas Filhas é um projeto de longa-metragem autobiográfico que explora a internação psiquiátrica pela visão pessoal da diretora e cinco amigas: Isabella Pádua, Fernanda Fialho, Beatriz Rodrigues, Beatriz Santos e Lizz (nome social), que conheci entre 2017 e 2020 durante períodos diferentes de internação em hospitais públicos em São Paulo, Brasil. Para efeitos das provas do grau de Mestrado, gravei entrevistas com essas jovens, adicionalmente a partes performáticas com uma atriz. Futuramente, para a concepção do longa-metragem, gravarei cenas adicionais, e aprofundarei temáticas e elementos que o trecho inicia.

No recorte de mulher internada num hospital público, percebi em primeira mão como nesse ambiente, suscetível a várias injustiças, as mulheres eram ainda mais vulneráveis a abusos. Por essa razão, decidi entrevistar apenas moças que estiveram junto comigo nesse contexto. Essa escolha também tem razões afetivas, pois o tom da conversa e o assunto pedem sensibilidade e empatia que só quem está dentro da mesma comunidade entende. Todas as garotas que aparecem no filme estiveram em hospitais públicos de São Paulo, foram internadas muito jovens e compulsoriamente, mas acabaram por encontrar um tratamento eficaz que lhes permite ter uma vida saudável. O filme não prega o fim das internações psiquiátricas, assim como não oferece respostas ou soluções. *Todas as Minhas Filhas* apenas revela que, dentro das nossas perspectivas, esse foi um momento de amadurecimento em que sofremos psicologicamente antes e durante as internações psiquiátricas.

A produção de conteúdos midiáticos sobre pessoas neurodivergentes por indivíduos que compartilham essas experiências é essencial para uma representação autêntica e inclusiva. As singularidades e *nuances* das vivências neurodivergentes frequentemente escapam às narrativas convencionais, e é fundamental que aqueles que vivenciam essas realidades tenham a oportunidade de compartilhar suas próprias histórias. Por essa razão, a escolha da autobiografia se torna tão pertinente, pois, apesar de ser um assunto muito explorado na mídia, é raro que um paciente mental esteja à frente de projetos como o que proponho.

Outros realizadores poderiam optar por mostrar o hospital objetivamente e os pacientes psiquiátricos em seu momento mais crítico, internados durante uma crise. Essa é uma abordagem clichê e potencialmente prejudicial. Em contrapartida, escolhi filmar nossos rostos e contar a nossa história através de *talking heads* no nosso melhor momento. O local e as experiências passaram, houve mudanças físicas na ala psiquiátrica e o que restou são as nossas

memórias. O filme foi feito quase exclusivamente por pessoas neurodivergentes sobre pessoas neurodivergentes – é esse o seu diferencial.

Como realizadora deste projeto autobiográfico, apresentarei um contexto sobre o meu histórico com o tema da obra: desde criança apresento sinais de uma saúde mental instável, mas foi somente aos 20 anos que comecei um tratamento psiquiátrico para cuidar dessas instabilidades. Em 2017, tive uma crise muito forte após terminar minha graduação no Brasil: fiquei sem comer, sem me mover, sem falar e sem ter nenhum acesso à sociedade fora do meu quarto durante três meses. As únicas saídas da cama eram para ir tomar soro no hospital para manter um mínimo de açúcar no sangue. No pior momento, meu dextro (nível de açúcar no sangue) chegou a 6 (o normal é entre 70 e 100; se chegar a 0, a pessoa morre). Foram muitas complicações físicas causadas por essa situação e, após várias idas ao hospital e tentativas de me convencer a me internar voluntariamente (ignoradas por mim), uma psiquiatra sugeriu a internação compulsória. Numa noite, a polícia e uma ambulância me levaram para a ala psiquiátrica do hospital. Quando minha mãe estava me deixando no local, a insalubridade era visível e ela não quis me deixar lá. Mas continuei no mesmo padrão e ela não teve escolha a não ser me deixar no hospital, uma vez que não tínhamos dinheiro nem conhecimento de outras alternativas.

Recebi o diagnóstico de esquizoafetividade (no meu caso, uma combinação de esquizofrenia e bipolaridade)¹, passei a maior parte dos três anos seguintes dentro dessa ala e vi e vivi muita coisa: agressões físicas, abusos, higiene precária e outras situações nessa linha. Mas também criei uma comunidade com outros internos, que se mantém até os dias de hoje. Entre as pessoas com que tenho contato, todos melhoramos muito, apesar dos traumas causados no hospital. Por isso, acho importante explorar no filme tanto o momento de horror da internação como a melhoria que pode ocorrer com a medicação e terapia correta.

Em 2020, com a pandemia, minha vida mudou completamente. Encontrei a medicação adequada, obtive um segundo diagnóstico de autismo complementar à esquizoafetividade, uma psicóloga compatível comigo, me conectei com a minha espiritualidade, consegui diversos

¹ O que a seguir se apresenta são alguns dos critérios revisados para o diagnóstico de transtorno esquizoafetivo, tal como surgem no *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-IV-TR)*.

A. 1. Delírios 2. Alucinações 3. Discurso desorganizado 4. Comportamento fortemente incoerente (ex: vestir-se inapropriadamente, chorar frequentemente) ou comportamento catatônico 5. Sintomas negativos ex: falta de resposta emocional, perda ou declínio no discurso, perda ou diminuição na motivação, perda na capacidade de sentir prazer, falta de socialização.

B. 1. Episódio depressivo maior 2. Episódio maníaco 3. Episódio misto.

trabalhos na área de Cinema, e, em 2021, realizei o sonho de viajar o mundo, começar um Mestrado e ter independência financeira e emocional. Ainda tomo remédios, faço terapia, tenho momentos de instabilidade, mas é tudo com muito mais controle. Desde a pandemia, não precisei mais de internações e venho construindo algo muito bonito com a minha vida.

Com este Mestrado, primeiramente, pretendo começar a desenvolver um longa-metragem que me ajude a amenizar as dores de uma época traumática do meu processo de vir-a-ser mulher, e, no caminho, potencialmente ajudar outras jovens que passaram por momentos parecidos aos meus e aos das outras entrevistadas.

Documentários sobre saúde mental são usualmente muito impessoais e, de acordo com as definições de Bill Nichols, têm como voz “Eu falo deles para vocês”. Ter alguém que fala a partir das suas experiências sobre assuntos que tocam todo um grupo de indivíduos é muito importante. *Todas as Minhas Filhas* tem como voz “Eu, com eles, falo de nós para vocês”, como dizia Agnès Varda sobre suas produções. Desse modo, outro objetivo é preservar, compartilhar e dar significado às experiências vividas, contribuindo para a construção de uma memória tanto pessoal quanto coletiva.

Caso o filme circule por espaços artísticos e educativos, a produção espera atingir um público que possa ter tido uma exposição limitada à perspectiva brasileira sobre internação psiquiátrica. A autobiografia serve como uma ferramenta para desmistificar noções preconcebidas sobre pessoas neurodivergentes e proporcionar uma maior compreensão das experiências das mulheres retratadas.

Assim, *Todas as Minhas Filhas* busca servir como ferramenta de catarse para a realizadora, criar uma memória pessoal e coletiva sobre a temática de internações psiquiátricas dentro do contexto específico de mulheres, do sudeste do Brasil em hospitais públicos, e, potencialmente, conscientizar um público mais amplo que ainda tem noções rudimentares sobre o que é ser doente mental na sociedade contemporânea.

Capítulo II: Autobiografia e Documentário

A autobiografia surgiu no ramo da literatura, sem que se conheça em definitivo a data desse surgimento, mas tendo como exemplo os escritos autobiográficos de Santo Agostinho e de Jean-Jacques Rousseau (Olney 1980: 4-6). A escrita sobre si mesmo é uma prática que migrou para o cinema nos anos 60 do século XX, quando cineastas como Jim Lane e Ed Pincus começaram a desafiar as convenções tradicionais e a adotar uma abordagem mais subjetiva e introspectiva graças aos adventos tecnológicos da época (Gernalzik 2006: 2). O uso de elementos autobiográficos permitiu aos cineastas explorarem suas próprias experiências, perspectivas e identidades, desviando-se das narrativas convencionais.

Ao longo das décadas seguintes, a consolidação da autobiografia no cinema pode ser exemplificada por obras como *Les Plages d'Agnès* (Agnès Varda, 2008), e *Sherman's March* (Ross McElwee, 1985). Filmes autobiográficos tornaram-se veículos para a autoexpressão e reflexão, capturando não apenas eventos e memórias específicas, mas também as *nuances* emocionais associadas a essas experiências. A visão única e pessoal do cineasta, muitas vezes documentando momentos íntimos da vida, proporciona uma imersão nas complexidades da existência, transformando a experiência pessoal em uma contribuição para o histórico-cultural de uma época ou comunidade, preservando *nuances* muitas vezes negligenciadas por registros mais convencionais.

Em *Todas as Minhas Filhas*, exploro a autobiografia de forma performática ao lado de outras cinco ex-pacientes que passaram pela internação psiquiátrica compulsória em hospitais públicos de São Paulo: Isabella, Fernanda, Beatriz Rodrigues, Beatriz Santos e Lizz (nome social). Através de conversas, relembramos como foi experienciar esse momento das nossas juventudes juntas. Essa abordagem afetiva foi escolhida para relatar experiências traumáticas de forma delicada. Mesmo contando horrores, o tom de conversa “entre amigas” não sensacionaliza o assunto, e chega a ver-se uma narradora ou outra falando com espiritualidade.

Esse estilo de *storytelling* me remete às realizadoras autobiógrafas da década de 1970, que realizavam documentários como forma de “apresentar ao público (presumivelmente composto principalmente por mulheres) uma imagem dos detalhes comuns da vida das mulheres, seus pensamentos – contados diretamente pelas protagonistas para a câmera – e suas tentativas frustradas, mas às vezes bem-sucedidas, de entrar e lidar com o mundo público do trabalho e do poder.” (Lesage, 1978; traduzido pela autora). No século passado as cineastas

também utilizavam a autobiografia e o formato de *talking heads* para contar diretamente para a câmera temas considerados tabu pela sociedade. Cinquenta anos depois, os temas de maternidade ou da inserção feminina no mercado de trabalho não são temas evitados no cinema brasileiro, americano ou europeu. Mas ainda estamos na “idade das trevas” quando o assunto é internação psiquiátrica. Ter mais mulheres narrando suas perspectivas em formato autobiográfico tem o potencial de que daqui a cinquenta anos essa temática possa ser tão comum quanto os dessas documentaristas feministas do passado.

Adicionalmente, a autobiografia permite assumir a subjetividade das nossas perspectivas e não impõe a necessidade de estatísticas oficiais e fontes que sustentem fatos. Dentro do nosso contexto, isso seria muito complicado e interferiria com a vontade de fazer um projeto catártico. Depois de várias pessoas duvidarem constantemente da sua palavra e da sua vivência (como a Isabella relata), a liberdade que a autobiografia oferece à autobiografada é uma ferramenta atraente. E o fato de serem os nossos rostos a aparecer na tela é igualmente uma forma de personalizar e empoderar corpos de pessoas invisíveis pelo sistema.

Com a autobiografia, posso assumir que o filme é a minha perspectiva específica sobre um local e período específicos. Utilizando a performance, fator ficcional, deixo implícito que esse documentário performativo é uma verdade narrada através de um filtro, o meu próprio. A subjetividade que trago não altera os fatos vivenciados, apenas os deixa mais líricos e serve como mecanismo de enfrentamento (*coping mechanism*).

Capítulo III: Referências e Apreciação

A referência principal para esse projeto é o documentário *Elena* (2012), dirigido por Petra Costa. O documentário brasileiro narra a história do suicídio da irmã da diretora Petra Costa, Elena Andrade, e de como a morte da irmã se conecta com a vida da própria diretora e da mãe de ambas. As três sonharam ser atrizes e, muito jovens, contemplaram o suicídio. O filme acompanha a vida de Elena, sua infância durante a ditadura militar, seus estudos em Nova Iorque e seu suicídio nos anos 90. A partir da morte de Elena, o filme muda de foco e passa a se aprofundar na conexão entre as três personagens principais e como o suicídio de Elena afetou a vida da diretora. Petra diz em uma entrevista² que apelidou o sofrimento silencioso de jovens mulheres como “complexo de Ofélia”, em referência à personagem shakespeariana da peça *Hamlet*. Esse é o ponto de partida para *Todas as Minhas Filhas*. Porém, meu projeto vai além do livro de Shakespeare e utiliza símbolos que se tornaram pertencentes ao lugar-comum quando se fala em loucura feminina, como a ideia de mulher afogada vista em diversas obras de arte.



Figura 1 – Ophelia de Sir John Everett Millais Óleo sobre tela (1851)

² Revista *Marie Claire*, fevereiro 2020. Disponível em: www.revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2020/02/mulheres-de-petra.html



Figura 2 – *Elena* Petra Costa (2012), filme

Elena tem características ensaísticas: mistura performance, entrevistas e sequências oníricas que se passam dentro do inconsciente da realizadora. Nessa narrativa de corte ensaístico e (auto)biográfico, Petra Costa realiza um processo catártico para si, seus pais e vai além da esfera familiar. A diretora exhibe o filme em diversas sessões de debate e grupos de apoio, durante as quais move toda uma comunidade que vai ser diretamente impactada com o filme. No *website* do projeto, há uma categoria exclusiva para a parte de mobilização que o filme levantou³.

O filme de Petra Costa é sem dúvida a referência principal de *Todas as Minhas Filhas*. O “complexo de Ofélia” idealizado pela diretora de *Elena* se faz muito pertinente no meu contexto e nos das minhas amigas, pois toda a parte do sofrimento silencioso de garotas no processo de vir-a-ser mulher foi o que nos levou para as internações psiquiátricas. Com base nesse arquétipo, também desenvolvi as partes performáticas com a atriz. Principalmente a performance na água, referência a *Elena*, ainda que no meu projeto essa cena tenha uma conotação ambígua que explorarei com mais profundidade a seguir.

Para além da obra fílmica, o processo de feitura do filme também foi motivo de inspiração. Em *Elena*, a equipe é bem reduzida e composta majoritariamente por mulheres. No caso de *Todas as Minhas Filhas*, a produção seguiu naturalmente o mesmo caminho.

³ Disponível em: <https://elenafilme.com/mobilizacao-social/>

Além do documentário de Petra Costa, outras obras me inspiraram a conceber *Todas as Minhas Filhas*. Uma dessas obras é *Tarnation*, de Jonathan Caouette (2003). Na autobiografia, acompanhamos o histórico da saúde mental do diretor e de sua mãe da forma mais caótica possível. *Tarnation* é composto de imagens de arquivo e performances feitas com baixíssimo orçamento: no início do filme, o diretor refere que gastou menos de 300 dólares para fazer o documentário. Esse modo de produção, a edição com vários efeitos visuais e a temática do filme foram semelhantes ao resultado que procurei em *Todas as Minhas Filhas*.

O destino do suicídio em jovens com doenças mentais é comum e cresce anualmente⁴ no Brasil e em vários países do mundo. Apesar dessa realidade, eu gostaria de terminar meu filme de uma maneira mais empoderadora, seguindo a minha própria experiência. Portanto, também me inspirei bastante no *Manifesto Ciborgue* de Donna J. Haraway como símbolo para encerrar o filme. No texto de Haraway, o ciborgue é o emblema da sua teoria porque ele é essa figura que subverte e não pode ser categorizada. *Manifesto Ciborgue* é sobre subverter fronteiras entre organismo e máquina, homem e mulher, natureza e cultura. Ao ler seu manifesto, me identifiquei com a figura do ciborgue, principalmente no que toca a minha saúde mental. Tomar remédios todos os dias me mudou completamente como ser humano: ao mesmo tempo que me permitiu ter uma vida em sociedade, a medicação me priva de ter emoções muito intensas. Conversando com minhas amigas que também estão em tratamento, percebi que todas nos sentimos um pouco “ciborgue” após os medicamentos, presas em um limbo entre não sentir nada e sentir demais, uma fronteira quase transumana. Por essa razão, termino o filme com a figura de uma ciborgue fazendo um “update” de sistema.

Clotilde Latour foi a jovem escolhida para interpretar a parte não documental do filme. É uma estudante francesa de 14 anos que tem grande interesse pela área artística e tem suas próprias experiências com uma saúde mental instável. Ela é diagnosticada com autismo e – assim como eu e minhas amigas – também passou por internação psiquiátrica. Porém, em um contexto francês completamente diferente do nosso no Brasil.

A cena com Clotilde foi gravada na Pont du Diable, em Montoulieu, no sul da França, durante o verão de 2023. A locação foi escolhida, principalmente, por ter uma ponte que permitiu que as gravações ocorressem sem necessitar de drone, e por ter um arco de pedra que é fundamental como símbolo de recomeço no final do filme. A câmera utilizada foi a Sony

⁴ Disponível em <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/07/30/numero-de-suicidios-cresce-no-brasil.htm>

A7sIII com uma lente 24-70mm em razão da qualidade 4K disponível em grande *frame rates* (gravamos as cenas entre 30 e 100 fps). A escolha desse FPS alto foi para dar um efeito sutil de câmera lenta na sequência. Esse efeito produz uma sensação de distorção temporal, que remete à falta de contato com a realidade em alguém deprimido.

A cena de abertura do filme é a atriz deitada na cama ouvindo os pais pedirem para que ela se levante e reaja. Ouve-se apenas as suas vozes em um *crescendo* de agressividade. Sua família não entende de início e após o que seria vários dias, a exaustão e desespero toma conta do temperamento dos familiares. Vemos o rosto da atriz se repartir para indicar tanto a passagem de tempo, o movimento, quanto para simbolizar as várias faces que a doença apresenta, múltiplas emoções ou até personalidades. O tom da cena é frio, com *nuances* de azul (a grande almofada ao fundo), cinza (jogo de cama) e um amarelo suave (pijama). Isso reforça a ideia de tristeza que a cena pede.

Ao sair de plano com um puxão, como se sua mãe a tirasse à força da cama, revela-se uma fronha com a mesma estampa da imagem de abertura. Essa abertura são flores submergidas em resina que se revelam pouco a pouco juntamente com o título do filme. E essa abertura resume a ideia central de *Todas as Minhas Filhas*: como se, por debaixo de uma camada opaca e sem vida, existissem belas flores que só serão reveladas com a intervenção correta. Esse é o caminho que o filme percorre, de início uma performance sobre o momento de inércia depressiva, depois uma performance sobre o tratamento e, por fim, um relato dos resultados que o tratamento oferece.

A segunda cena ainda é com a mesma atriz, porém em outro cenário. Ela se debruça pela natureza em uma sequência onírica, que se passa em seu inconsciente. Nesse momento, ela veste um vestido com ares encantados e uma coroa de flores. A cena foi gravada na *blue hour* e possui a cor azulada desse primeiro momento da manhã. Aos poucos, vemos a atriz se aproximar do rio onde ocorrerá a parte seguinte da performance. Essa cena representa uma fantasia da personagem sobre como ela gostaria de aparecer no dia do seu suicídio. Um sinal muito comum de que alguém vai se suicidar é o preparo para o momento da morte⁵, o que inclui a roupa com que a pessoa vai ser encontrada, o local etc. Gosto de pensar que essa cena é como a personagem fantasia sua própria morte, como uma criatura de contos de fada em um lugar idílico. Além do mais, a ideia de contos de fadas e de princesas é um ícone muito presente no

⁵ <https://prevenirsuicidio.pt/quais-sao-os-sinais-de-alarme-para-suicidio/>

imaginário coletivo de meninas em diversas partes do globo. O uso de um filtro difusor, o figurino e o som contribuem para a ideia de que a cena é uma performance do inconsciente.

O design de som dessa segunda cena tem duas camadas: a primeira é o som direto da natureza, com o rio, pássaros, vento etc.; a segunda camada é exatamente a cópia da primeira, mas com várias distorções, que representam o modo distorcido como ela percebe o seu entorno, a confusão mental da personagem. Porém, no final desse momento, a personagem fecha os olhos em reflexão e a câmera muda o foco da personagem para o rio. Essa é uma alusão à próxima cena que se passará no rio, e o áudio também se transforma. Deixamos de ouvir o áudio dentro da cabeça dela para ouvir somente a primeira camada, a camada “real”, com pássaros, o rio e tudo o mais, sem distorções.

As entrevistas começam com Isabella Pádua contando que desde o início da adolescência apresentava sinais de depressão e que aos 16 anos teve sua primeira internação psiquiátrica após uma tentativa de suicídio. Esse discurso enaltece todo o mote do filme – internações psiquiátricas de moças jovens em sofrimento mental. O fundo desse plano é uma imagem sem *copyright*, do *Flickr* oficial da Biblioteca Britânica,⁶ com intervenções minhas. Ajustei a cor e desenhei por cima da imagem original para ficar dentro da paleta de cores do filme e remeter ao elemento da água, pois temos um corte do rio para esse plano, e a água (representada por esse mesmo rio) é um símbolo dentro do filme, como veremos adiante.

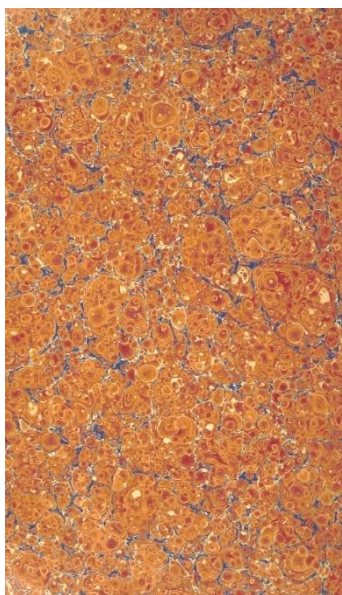


Figura 3 – Imagem original (British Library)

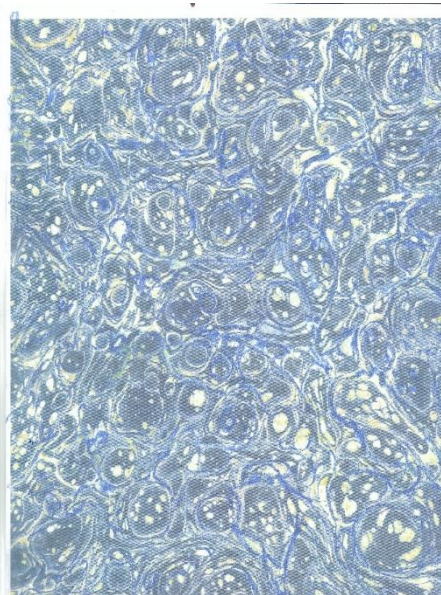


Figura 4 – Imagem modificada (Bianca Rego)

⁶ <https://www.flickr.com/photos/britishlibrary/albums>

Esse fundo se mexe lentamente, remetendo ao passar suave das ondas em um rio.

Todas as entrevistas (começando com a de Isabella) são com *talking heads* – a motivação por trás dessa escolha é que eu gostaria que parecesse uma conversa entre amigas, mais do que um repórter frente ao sujeito entrevistado. Isso nos aproximaria e nossa conversa fluiria com naturalidade, como creio que aconteceu realmente. Porém, devido à distância geográfica, o único modo de essa conversa acontecer dentro do meu orçamento estudantil foi recorrer a chamadas de vídeo. Usámos um fundo verde como nosso *background* na chamada e na pós-produção animei essa tela verde, como parte de experimentações visuais que dialogassem com o que se estava sendo dito.

Achei que as *talking heads* seriam uma boa opção frente à adversidade, pois me lembrei novamente das cineastas autobiógrafas da década de 70.

A representação visual das mulheres nos documentários feministas é frequentemente criticada por sua transparência (a captura da realidade pelo filme) ou pelo visual enfadonho das *talking heads*. No entanto, as histórias que as mulheres filmadas contam não são apenas "contos de experiências". Essas histórias têm uma função estética de reorganizar as expectativas derivadas de narrativas patriarcais dos espectadores de filmes dirigidos por mulher, e, iniciar uma crítica a essas narrativas.⁷ (Lesage 1978: 519; traduzido pela autora).

Essa escolha parte de um lugar de homenagem à essas documentaristas e seus filmes, *Janie's Janie* (1971, Jane Giese), *Joyce at 34* (1972, Joyce Chopra), *Three Lives* (1971, Kate Millett) e suas contemporâneas. Lesage diz ainda em seu livro que, ao mostrar *Three Lives* numa sala com estudantes de Cinema em 1972, uma aluna disse: “Aposto que é a primeira vez que muitos desses rapazes tiveram que sentar e ouvir ininterruptamente as mulheres conversando durante noventa minutos”.

Após a introdução com Isabella, eu entro falando sobre como começou a minha história com o tratamento psiquiátrico. A minha fala tem como fundo um corredor escuro inundado com água turva. Essa animação faz parte do gênero de *liminal spaces*, um termo originário de fóruns na internet para designar espaços transitórios entre dois outros locais ou estados de ser. Normalmente, estes lugares estão abandonados e muitas vezes vazios – um shopping às quatro

⁷No original: “The visual portrayal of the women in Feminist documentaries is often criticized for its transparency (film's capturing reality) or for the visual dullness of talking heads. Yet the stories that the filmed women tell are not just ‘slices of experience.’ These stories serve a function aesthetically in reorganizing women viewers' expectations derived from patriarchal narratives and in initiating a critique of those narratives.”

da manhã, ou um corredor de escola durante o Verão, por exemplo. Isso faz com que esse espaço pareça congelado no tempo e um pouco perturbador, mas também familiar às nossas mentes.⁸ O uso desse espaço liminar tem o intuito de provocar a sensação de algo perturbador, mas familiar (em referência ao hospital), ser associado ao momento transitório tanto do vir-a-ser mulher quanto antes depois de uma internação, e, também é mais um eco do elemento água.

Há um *flashback* nesse primeiro momento, para a atriz na cama sendo cercada por linhas. Um fator em comum com o primeiro fundo (da Isabella) é a ilustração feita à mão. Pretendi privilegiar a estética de arte artesanal, com animações e ilustrações que fossem ou imitassem o processo manual como uma característica desse cinema afetivo, feito através da minha ótica pessoal como realizadora que acredita na estética *wabi-sabi*⁹. Esse *flashback* reforça a ideia de que aquela história no início é muito parecida com a minha (que conto oralmente nesse momento). A cor esverdeada aparece tanto para demonstrar que essa é uma história parecida, mas não é a *mesma* história, quanto para conotar doença ou algo de ruim, pois não é um verde muito agradável.

Enquanto narro as primeiras impressões que tive dentro do hospital, entra uma animação feita pela anglo-brasileira Olivia Pires, com uma interpretação de como era a ala psiquiátrica, com moscas, pessoas nuas, pessoas amarradas etc. A animação é monocromática e serve como alusão mais do que como “reconstituição de fatos”. O som nesse momento é de tiros e de guerra, editado para parecer o mais suave possível, usado como metáfora ao hospital que, a uma primeira impressão, parecia um “campo de batalha”.

Há uma transição entre a minha fala e a próxima fala da Isabella sobre primeiras impressões. O corredor do meu fundo chega a um destino, é azul e abstrato. Coloquei bastante zoom na animação da Olivia e construí esse *background* para a Isabella. Nesse momento da transição, também é possível ouvir sutilmente uma batida de coração acelerado como referência aos efeitos físicos que ter um dextro tão baixo causa (como explico oralmente).

A Isabella fala sobre as suas primeiras impressões num relato muito parecido com o meu. As imagens estáticas refletem sobre esse lugar tão similar ao da animação que ilustrou a minha fala. Na parte da Isabella, fiz ilustrações manuais sobre uma imagem *still* da animação

⁸ Mais informações: <https://www.forbes.com/health/mind/what-is-liminal-space/>

⁹ Na estética japonesa, *wabi-sabi* (侘寂) é uma visão de mundo centrada na aceitação da transitoriedade e da imperfeição. A estética às vezes é descrita como uma apreciação da beleza que é de natureza “imperfeita, impermanente e incompleta”.

feita pela Olivia. Trabalhei com *zoom* para enfatizar partes diferentes do ambiente que já foi mostrado. Essa repetição de elementos que se diferenciam levemente pretende causar essa sensação de familiaridade (“eu já vi isso de outra forma”), pois essa é a sensação de passar por alas psiquiátricas. Mesmo em hospitais diferentes, as situações se repetem com frequência. O áudio nesse momento é de um hospital psiquiátrico, com pessoas gritando, portas de ferro fechando, enfermeiros estressados e passos. Usei esses áudios para trazer um pouco de vida para as imagens estáticas.

Enquanto Isabella narra sobre seus primeiros momentos na ala psiquiátrica, ela informa que foi contida brutalmente já nos primeiros instantes. Com essa narração, entram imagens abstratas que representam o desespero que a moça sentiu naquele momento. Eu fiz essas imagens utilizando compressas de gaze e meu próprio corpo, estilizados com efeitos de pós-produção.

O *insert* abstrato acaba, mas o fundo de gaze continua como *background* da fala da Isabella. Esse plano é mais calmo e menos estimulante visualmente, para enfatizar o que ela diz no momento (que uma enfermeira a agrediu). Quando ela fala sobre ter ecoado na cabeça a fala dessa enfermeira, dizendo que ninguém acreditaria se ela contasse o que aconteceu, entram frases repetindo “ninguém vai acreditar” escritas à mão. A escolha dessa fonte artesanal é, mais uma vez, para reforçar a ideia do cinema afetivo e da arte imperfeita.

O fundo de gaze ainda permanece quando começo a falar das minhas experiências com contenção, mas ele se esvanece rapidamente, dando lugar a uma animação criada por Miu Iuna. Na animação, vemos o traço de uma moça contida em uma cama com movimento *zoom-in* da câmera. O traço é minimalista e, novamente, serve apenas como alusão e não “reconstituição de fatos”.

Posteriormente, a Isabella confirma a minha suposição de que o que a gente precisava era de uma conversa e apoio, ao invés de contenção nesse momento de introdução à ala psiquiátrica. Enquanto ela explica sua visão sobre a contenção, aparece ao fundo uma animação abstrata feita pela animadora russa Elizaveta Mozaleva. Queríamos fazer uma animação que demonstrasse a confusão de se entrar em um ambiente como esse, quando se é tão inexperiente e vulnerável. Ao fundo, ouvimos uma música do artista experimental deaf, que também contribui para essa atmosfera de ansiedade e desorganização.

Beatriz começa a falar sobre sua experiência com contenção e entra no quesito de que ela tinha mais surtos dentro do que fora do hospital. Eu complemento a fala dela, dizendo que apenas tínhamos atividades terapêuticas uma hora por semana e que em um lugar de onde não se pode sair, não se tem acesso à tecnologia, é natural que se fique ainda mais estressado. Como essa é uma personagem nova no filme, eu decidi focar no que ela fala e colocar atenção nas nossas expressões. O fundo é mais uma vez proveniente da mesma galeria da Biblioteca Britânica, e novamente fiz sobre ele intervenções manuais e de cor. Os propósitos também remetem os do primeiro plano com a Isabella, o movimento parecido com ondas e o uso de arte artesanal com intenções afetivas também se fazem presentes aqui.

Esse fundo se funde com uma parede branca onde surge exponencialmente uma animação de mãos deixando marcas na parede. Essa é uma representação visual do que eu falo que via tediosamente todos os dias no corredor do hospital. A animação foi feita por mim, utilizando After Effects e inteligência artificial (Midjourney).

No meio dessa animação de mãos ilustradas, surge a mão humana da atriz Clotilde. Ela coloca as mãos nervosamente frente ao ventre, enquanto se ouve de novo uma música experimental do deaf e se escuta Fernanda começar seus dois relatos sobre abuso sexual dentro de alas psiquiátricas, o que representa a vulnerabilidade feminina. Escolhi narrar esse filme pela ótica feminina, pois conhecia a história da Fernanda e vi outras mulheres sofrendo violência de gênero dentro do hospital. Acho importante que o relato dela seja nesse momento do filme, quase na metade da narrativa.

A imagem da performance está em preto e branco, pois eu pretendia fazer uma rima visual entre três fundos: esse é o primeiro com mãos em P&B; no plano seguinte também surgem mãos em P&B enquanto a Fernanda conta seu relato; quando Lizz, mais adiante, fala sobre agressões de gênero novamente, de novo surgem mãos em P&B. Esse elemento de cor e objeto é o que caracteriza a violência de gênero dentro da ala psiquiátrica em *Todas as Minhas Filhas*.

As mãos podem ter diversos significados: o toque indesejado, ou a defesa (essas mãos podem estar aludindo ao sinal de “pare”). Quando Fernanda começa a falar da segunda agressão, mais grave, nas suas palavras, as mãos tornam-se vermelhas, sinal claro de desespero e sufoco. Adicionalmente, é o único momento em que se foge à paleta de cor (26). Essa distinção marca o momento mais desesperador do filme, destacando-o. A trilha musical

acompanha esse desespero com sons não usuais que deixam o ouvinte desconfortável. A cena acaba com uma dissolução das mãos de fundo e com a Fernanda acrescentando que parte do abuso também era ter suas roupas roubadas no hospital.

Começo por conversar com a Beatriz Rodrigues sobre um dos momentos mais críticos que vivi dentro da ala psiquiátrica (que, coincidentemente, a envolve a ela e a uma enfermeira em 2019). Há uma animação, que também serve de fundo para essa história, que é uma moça abstrata, sem se perceber muito bem o que ela faz. De início, pode-se acreditar que é uma representação do corpo gelado que descrevo oralmente, reforçado pelas cores azul e branco da cena. Mas, em breve, será possível conectar essa animação com outra cena, um momento chave a ser discutido na página seguinte. Por se tratar de uma história pesada, tentei deixar os elementos visuais os mais discretos possíveis dentro da estética proposta.

A animação dessa cena foi criada com a ferramenta de inteligência artificial “Runway”, teve como base a cena que gravamos no rio, e como referência o traço artístico da animadora que faz parte da nossa equipe, Miu Iuna.



Figura 1 – cena de Todas as Minhas Filhas



Figura 5 – Animação de Miu luna



Figura 6 – Resultado gerado com inteligência artificial

A moça começa por narrar sua experiência com abusos dentro do hospital, envolvendo um rapaz que batia somente em mulheres. Esse é o momento citado anteriormente, em que exponho fazer uma conexão do elemento das mãos e da cor P&B para representar a violência de gênero nas alas psiquiátricas. A animação foi criada pela artista russa Elizaveta Mozaleva, com a minha instrução de criar algo abstrato que passasse esse sentimento de pavor.

Quando Lizz muda de assunto sobre o porquê de ter sido internada, o fundo se transforma num tom esverdeado parecido com seu cabelo e dentro da paleta de cor do filme.

Surtem linhas circulares ao redor da moça, assim como quando eu estava contando o início do meu diagnóstico. Isso conecta, novamente, todas as nossas histórias, reforçando como existe um elemento comum, mas sempre um pouco diferente, entre todas nós. Nesse caso, ambas começamos deprimidas, presas dentro de nós mesmas, com conflitos emocionais. O círculo claustrofóbico que a envolve, e envolveu a atriz anteriormente, é a representação abstrata desse sentimento.

A voz de Lizz ecoa, dizendo “eu não quero estar aqui, eu quero morrer”. Nessa cena, vemos a performer dentro do rio (que já havíamos visto na segunda cena do filme) fazendo movimentos em câmera lenta no meio da natureza local. A artista Maira Viana compôs uma melodia com voz e sem instrumentos para o filme, que serve de trilha musical desse longo plano.

Essa é uma sequência que separa o filme em dois momentos. Até agora, estávamos ouvindo relatos de abusos, injustiças e dores que nos levaram à internação e nos faziam ficar mal durante esse período difícil. A partir de agora, vamos ouvir como estamos hoje em dia, momentos mais leves da internação e como é possível melhorar com o tratamento adequado.

A performance simboliza o renascimento, pois é na água que a personagem Ofélia morre, na obra de Shakespeare que inspirou indiretamente nosso filme, e é através da água que ocorre o renascimento do batismo cristão. É como se, nesse momento, a personagem estivesse passando tanto pelo processo de morte quanto pelo de nascimento. Ela boia com tranquilidade em uma ambiguidade entre a paz da morte idealizada (lembrando que isso é o inconsciente de uma ideia suicida) e a limpeza preparatória para uma nova fase (não se deixando afundar e mantendo um pouco de esperança).

Começamos com Lizz em fundo azul esverdeado, pedindo para não falarmos apenas dos aspectos negativos da internação. Essa animação do *background* mais uma vez foi idealizada pela Elizaveta e busca demonstrar a complexidade que implica falar sobre o tema da saúde mental no Brasil. As formas desenhadas parecem formar uma figura, mas logo se transformam em outra, tudo sempre abstrato.

Os cortes da cena são rápidos e mais dinâmicos do que o primeiro momento do filme. Se na primeira parte o objetivo era dar atenção a cada história com seriedade, nesse segundo momento, a velocidade mais rápida e o tom leve da conversa deixam a sequência mais descontraída.

Eu conto, por exemplo, um momento de alívio em que eu e Beatriz Rodrigues estávamos no meio de uma tempestade na ala psiquiátrica. Para ilustrar essa história, Olivia Pires animou uma cena com duas moças em cima da mesa em um dia chuvoso. Eu dei a ideia de que a fonte de luz da animação viesse da mesa, como se nossa energia iluminasse aquele plano.

Essa segunda parte é mais homogênea, sobre o mesmo assunto e sentimento, então o fundo é o mesmo para todas as moças. Quando Beatriz Santos começa a ler a carta que eu escrevi para ela no hospital, aparece um bloco de notas escrevendo o que ela recita e, na trilha sonora, começa a tocar uma música mais esperançosa de deaf, com sons eletrônicos quase robóticos. A grafia da carta tem vários erros ortográficos, representando como provavelmente eu escrevi aquela carta em um estado mental ineficiente; adicionalmente, vai ao encontro ao cinema imperfeito que citei anteriormente.

A Isabella conta sobre o momento decisivo para sua melhora sobre um fundo preto, marcando a transição para o final do filme. A partir de agora, acabam-se as *talking heads* e vemos a atriz saindo molhada e andando por um caminho tortuoso. Ela toma remédios oferecidos por uma mão com luva, remetendo a um médico. É uma referência às dificuldades de se encontrar o tratamento correto, testando remédios diferentes. Enquanto isso, as garotas falam sobre suas conclusões e o que tiraram de toda a conturbação narrada anteriormente. O uso de *jump cuts* serve para representar a passagem de tempo e demonstrar que a recuperação não é rápida.

Por fim, a mão do médico entrega uma pílula azul (coincidentemente, é tanto a cor principal do filme quanto a cápsula real do remédio que mais me ajudou) e vemos o rosto da atriz. Ela examina a pílula e a música contemplativa continua a tocar. Ao abrir a cápsula, dá-se a entender que de dentro cai *glitter*, como se ela finalmente tivesse encontrado o tratamento certo.

Vemos a aparição de uma figura ciborgue em estilo pixelado, criada pelo animador Érico José, representando a ideia de que a personagem se transformou em um novo ser. Como afirmo no capítulo 3, essa figura foi inspirada no texto *Manifesto Ciborgue* de Donna J. Haraway. O filme encerra-se com esse ícone, que representa transformação e desafia categorizações entre organismo e máquina. Embora os medicamentos me permitam ter uma vida saudável, eles restringem a minha intensidade emocional, o que não é algo necessariamente ruim. Essa figura também representa o empoderamento da mulher, que antes era frágil e se

torna forte. Um dos indicativos dessa vivacidade são as ferramentas, ou armas, que surgem do lado esquerdo da tela em uma moldura. Vemos uma espada, representando coragem para lutar; flores azuis, para se lembrar do passado (como as flores azuis do vestido da atriz) e representar ternura mesmo no endurecer; um computador e uma câmera, material que uso para esse processo catártico.

Imitando uma atualização de sistema, vemos “*updating*” do lado direito e os níveis de “serotonina, torpor e estabilização” estão sendo calibrados. Enquanto as moças entrevistadas narram como melhoraram com o tratamento, se formaram e estão mais estáveis, aparecem dentro da moldura vídeos e fotos dos resultados de suas transformações. Por fim, dentro da moldura, a atriz aparece uma última vez atravessando um arco e jogando sua coroa no chão, como se entrasse em um novo momento, com mais liberdade.

No último plano do filme, a ciborgue abre o coração e o mostra ao público. É a indicação de que, mesmo sendo uma nova criatura, ela ainda possui essa característica humana principal e se mostra vulnerável ao se despir da armadura. A minha intenção foi fazer uma referência a como me sinto ao fazer um filme sobre esse assunto tão pessoal.

Capítulo IV: Produção

Em 2020, durante o isolamento social, passei por um intenso período de autorreflexão e mergulhei dentro dos meus diários e memórias. Comecei a recapitular o que havia acontecido nessa época específica do tratamento psiquiátrico e surgiu o interesse de fazer alguma obra artística como ferramenta de catarse. Considerei diversos meios, como escrever um livro ou fazer algum ensaio fotográfico; porém, ao começar um Mestrado em Cinema, a ideia de fazer um filme pareceu a forma ideal.

Durante as discussões sobre o projeto, comecei uma pesquisa bibliográfica e fílmica para aprimorar meu repertório artístico. Em janeiro de 2023, dei início à pré-produção de *Todas as Minhas Filhas*. Refleti nos primeiros meses sobre qual era a minha intenção com o filme, qual seria a minha abordagem e como iria conduzir o projeto. Pedi para minha mãe fotografar as dezenas de páginas que escrevi enquanto estava no hospital e isso também serviu para eu encontrar um norte no projeto, pois lembrei de vários acontecimentos que minha memória reprimiu. Concluí que a autobiografia seria a escolha mais corajosa e significativa, e assumi essa responsabilidade. Porém, não queria que minha perspectiva fosse dominante e achei necessário que as mulheres que vivenciaram esse período comigo também compartilhassem a perspectiva delas.

Em março organizei um cronograma, fiz um primeiro tratamento do roteiro, do orçamento e entrei em contato com as pessoas que gostaria que contribuíssem para o projeto. De início, gostaria que uma amiga brasileira fizesse a parte performática do filme, mas ela não estava disponível nas datas que propus (no Verão). Então, ofereci o papel a Clotilde, que aceitou prontamente. Também fiz um *post* no Facebook perguntando se algum dos meus amigos animadores teriam a disponibilidade e vontade de colaborar com um documentário sobre saúde mental. Surgiram alguns interessados, mas vi no trabalho de Miu Iuna¹⁰ uma maior conexão com a estética que eu procurava para o filme. Adicionalmente, também entrei em contato com as minhas amigas para saber se elas estariam disponíveis a conversar sobre nossas experiências para um futuro filme. Isabella Pádua, Beatriz Rodrigues, Beatriz Santos e Fernanda Fialho aceitaram o convite, e, aos poucos marquei uma data com cada uma para a chamada de vídeo. Uma das minhas amigas, cujo nome vou preservar, recusou participar no filme e me sugeriu

¹⁰ Portfólio: https://drive.google.com/file/d/1M9D15mQMtiqvXjge5-na8ZL1_2Xkc8OQ/view?usp=sharing

chamar outra pessoa no seu lugar. A Lizz surgiu nesse momento e foi, então, a última a fazer parte do grupo de entrevistadas para o filme.

Em abril, realizei as entrevistas por vídeo chamada. A primeira conversa foi com Beatriz Santos, no dia 05; a segunda foi com Isabella, no dia 14 de abril; conversei com a Fernanda no dia 20, com a Lizz no dia 22, e, por fim, com a Beatriz Rodrigues no primeiro dia de maio. Como instrução para a chamada, pedi para que cada uma, individualmente, usasse uma camiseta de cor neutra ou que não chamasse muita atenção; pedi para trocarem o fundo da chamada de vídeo por uma tela verde, fiz um vídeo tutorial para o caso de não saberem como o fazer; e, por último, pedi para gravarem um áudio separado da entrevista. Exceto a Beatriz Rodrigues e a Lizz, todas tiveram a possibilidade de gravar o áudio com o celular e a imagem com a *webcam*. Por essa razão, o áudio daquelas duas entrevistadas não tem a melhor qualidade. Pensei em corrigi-lo na pós-produção com inteligência artificial, mas acabei por fazer apenas um ajuste básico no programa Premiere. Como resultado, um ouvido atento pode perceber que o áudio das duas são os mais prejudicados pela chamada de vídeo. Ainda em abril, transcrevi paralelamente os momentos mais impactantes das nossas conversas e fiz uma pré-edição dos momentos mais relevantes das nossas conversas.

Em maio, organizei um corte bruto desses momentos e exportei uma primeira versão para receber *feedback* da orientadora, Professora Fátima Chinita, e conceber, com a animadora Miu, possíveis animações de momentos do trecho.¹¹ Durante esse mês, realizei a última versão do roteiro após reuniões com a Professora Fátima, a orientadora, e com a animadora, para entender o conceito final e saber o que seria possível realizar dentro do orçamento e do tempo de que dispunha.

Ainda maio, criei a paleta de cores baseada em filmes como *Melancholia* (2011) e *Pride & Prejudice* (2005).

¹¹ Link: <https://drive.google.com/file/d/1WaAlcAvIbWQMXqWEejkCEzJJMeGthrC/view?usp=sharing>

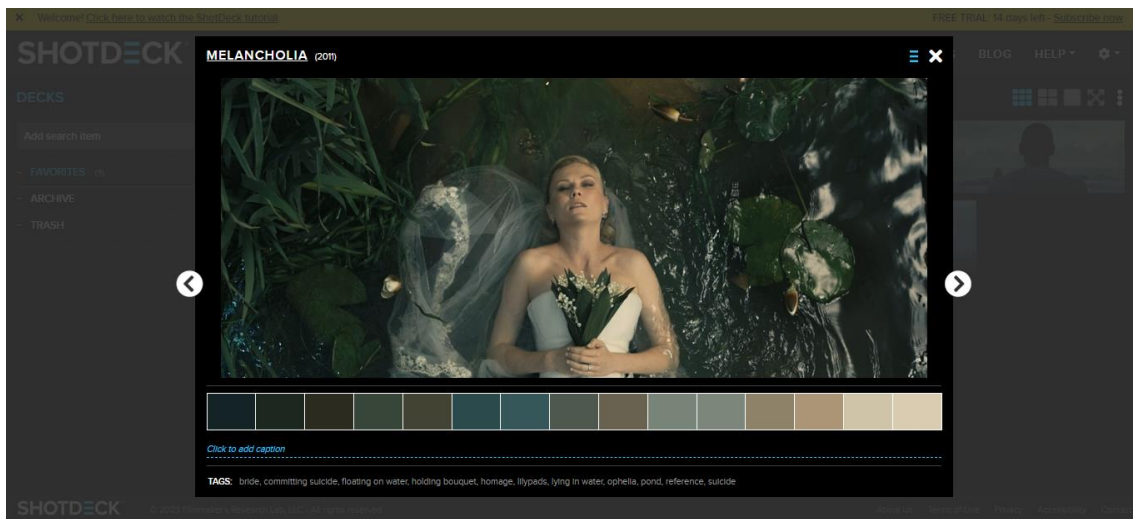


Figura 7 – Paleta de cores de Melancholia

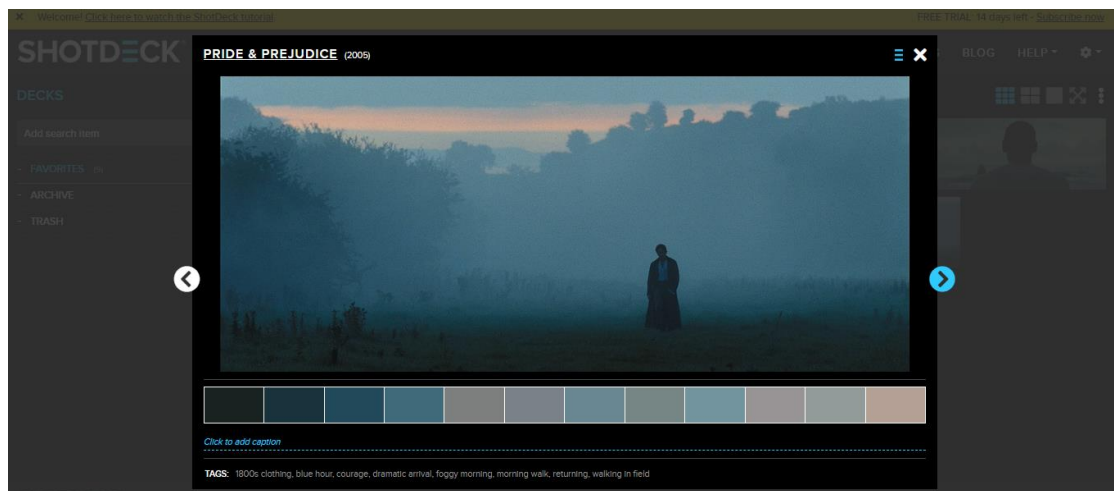


Figura 8 – Paleta de cores de Pride & Prejudice



Figura 9 - Paleta de cores de Todas as Minhas Filhas

Em junho, participei do festival Duemila30 em Milão, com um filme feito anteriormente, e conheci outros profissionais que se interessaram pelo meu projeto atual. Olivia Pires, Elizaveta Mozaleva e Érico José se juntaram a Miu para realizar as animações do filme, uma vez que esta última estava tendo um pouco de dificuldade em trabalhar e passava por problemas de saúde. Fizemos duas reuniões para definir as ideias em comum para a animação e sobre como tudo poderia conversar dentro do filme. Miu fez os primeiros testes para definir o estilo que as animações teriam, e, antes da versão final vista no filme, tivemos outros dois testes prévios.¹² A partir de então, nos dividimos e organizamos as cenas que cada pessoa iria animar, dando início ao processo de animação.

Ainda em junho, organizei os detalhes para a produção da parte filmada. Aluguei os equipamentos, comprei o figurino e os objetos de arte, aluguei uma acomodação perto da locação e conversei com possíveis amigos para ajudar com uma assistência de produção no dia de filmagem. Mirak Ville e minha companheira, Morgane Stawiarski, aceitaram em colaborar com as filmagens na diária, que ficou marcada para 10 de julho.

No início de julho, fiz testes de câmera e organizei toda a parte burocrática para a diária acontecer sem grandes mudanças. Ao se aproximar do dia 10/07, a previsão do tempo mudou e previam-se fortes chuvas e trovoadas na região de Ariège, nossa locação. Eu tive que remarcar com todas as pessoas envolvidas, mas, felizmente não houve nenhuma perda significativa e gravamos todas as cenas entre os dias 14 e 15 de julho.

Agosto começou lento, mas aos poucos comecei a edição do filme e o processo de pós-produção. Amabile Luz e Peterson Queiroz, atores da minha região do Brasil, emprestaram suas vozes para a cena de abertura, e Maira Viana, que inicialmente seria a performer da obra, emprestou sua voz para a canção do momento de renascimento do filme.

Em setembro, me dediquei intensa e exclusivamente à edição do filme. Os animadores começaram a enviar suas versões das partes que combinaram de animar, e, no dia 03 de outubro, finalizei o primeiro corte completo de *Todas as Minhas Filhas*. Com o auxílio da orientadora e da Maira Viana, fui ajustando os cortes e recebendo *feedback* até chegar à versão que será

¹² <https://drive.google.com/file/d/1gy-HHWdfSwyghkZfMhdPBFrWjf8LVTn/view?usp=sharing> e https://drive.google.com/file/d/1ArxxyZdn-zkwU6u_G9pEx7ITtUCy5cJg/view?usp=sharing

apresentada para os testes no fim deste ano. Porém, essa não é a versão finalizada da obra. O filme não passou ainda por *color grading*, mixagem de som e não está completo.

Capítulo V: Considerações Finais

Certa vez, ouvi de uma psicóloga que “o contrário de depressão é expressão”. *Todas as Minhas Filhas* me fez sentir menos sozinha. Ao expressar uma dor coletiva, entendi que pertencço a uma comunidade.

Acredito que, na sociedade contemporânea, doentes mentais controlados que aprenderam a se expressar e a prevenir crises, pedindo ajuda no momento certo, às vezes podem ser considerados mais saudáveis do que pessoas que nunca foram ao psicólogo ou mesmo ao psiquiatra. Por ignorância ou preconceito, boa parte da população desconhece os benefícios da terapia, que é para todo mundo. E mesmo aquelas que desfrutam de uma vida psicológica inegavelmente saudável não fogem do ato de manter estigmas em relação a quem não é naturalmente saudável, mas conquistou a saúde mental.

Acabar o filme com histórias de mulheres que conquistaram certa estabilidade é um ato empoderador necessário para uma comunidade que normalmente se vê na tela com finais trágicos.

Bibliografia

American Psychiatric Association. *Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders DSM-IV-TR* (Text Revision) (Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders). 4a ed. American Psychiatric Publishing, Inc., 2000.

Bruno de Freitas Moura; "Número de suicídios cresce: 'Acesso ao psiquiatra e psicólogo salva vidas'". UOL - Seu universo online, 30 de julho de 2023. <https://www.uol.com.br/vivabem/noticias/redacao/2023/07/30/numero-de-suicidios-cresce-no-brasil.htm>.

"Elena Mobiliza". Elena. Consultado em 15 de novembro de 2023. <https://elenafilme.com/mobilizacao-social/>.

Gernalzick, Nadja. To Act or To Perform: Distinguishing Filmic Autobiography. *Biography*, Vol. 29, No. 1 (winter 2006), pp. 1-13 (13 pages)

Haraway, Donna J. *Manifesto Cyborg*. Feltrinelli, 1995.

"Indicada ao Oscar, Petra Costa fala sobre machismo e mulheres em sua trajetória". Revista *Marie Claire*. Consultado em 15 de novembro de 2023. <http://www.revistamarieclaire.globo.com/Cultura/noticia/2020/02/mulheres-de-petra.html>.

Lesage, Julia. "The political aesthetics of the feminist documentary film". *Quarterly Review of Film Studies* 3, n.º 4 (setembro de 1978): 507–23. <https://doi.org/10.1080/10509207809391421>.

"Liminal Space: What Is It and How Does It Affect Your Mental Health?". *Forbes Health*. Consultado em 15 de novembro de 2023. <https://www.forbes.com/health/mind/what-is-liminal-space/>.

Nichols, Bill. *Introduction to Documentary*. Indiana University Press, 2010.

Olney, James. *Autobiography: Essays Theoretical and Critical*. Princeton University Press, 2014.

"Quais são os sinais de alarme para suicídio? – prevenirsuicidio.pt". prevenirsuicidio.pt – Campanha Nacional de Prevenção do Suicídio. Consultado em 15 de novembro de 2023. <https://prevenirsuicidio.pt/quais-sao-os-sinais-de-alar-me-para-suicidio/>.

Apêndice

Roteiro

TODAS AS MINHAS FILHAS

Bianca do Rêgo Silva

SINOPSE

Todas as Minhas Filhas é um curta-metragem ensaístico que explora a história da realizadora com sua saúde mental instável. Misturando animações *mixed media*, entrevistas e performance, o filme mostra o antes, durante e depois de uma internação psiquiátrica através da experiência de mulheres brasileiras pacientes.

PERSONAGENS

Bianca

A realizadora tem o diagnóstico de esquizoafetividade, uma combinação de esquizofrenia e bipolaridade, e autismo leve. No filme apresento algumas das dificuldades que o diagnóstico traz, mas também irei explorar através da performance como a Arte tem um grande papel na minha vida. Sinto tudo intensamente, isso é o que me mantém viva: transformar minhas dores e alegrias em arte e é o que causa meu sofrimento (sobrecarga de emoções).

Beatriz R.

Conheci a Beatriz na minha quinta internação psiquiátrica em 2017. Na época, Beatriz estava em uma crise depressiva causada principalmente pela morte do seu marido quando ambos tinham apenas 20 anos. No hospital, ela recebeu o diagnóstico de bipolaridade e seguiu tratamento após a internação. Com o tratamento ela conseguiu se inserir no mercado de trabalho e se casou novamente.

Fernanda

Fernanda teve inicialmente o diagnóstico de Borderline e, depois de internações psiquiátricas onde sofreu diversos abusos, incluindo abuso sexual, ela teve uma filha que mudou muita coisa em sua vida. Aos dois anos de idade, a criança foi diagnosticada com autismo e a partir desse momento o médico que acompanhava o caso de Fernanda percebeu que o seu diagnóstico inicial pudesse estar errado. Com o tratamento correto para seu caso, Fernanda agora apresenta melhoras no seu cotidiano.

Beatriz S.

Beatriz esteve comigo na minha segunda internação e lembro poucas coisas do nosso momento juntas na ala psiquiátrica. Ela estava em um momento de depressão e ideação suicida e era constantemente contida por ações de autoagressividade. Ela continuou o tratamento contra depressão e recentemente se formou em pedagogia, e está cursando Direito na Universidade de Mogi das Cruzes.

Isabella

Isabella tinha um caso bem complicado de transtorno alimentar e chegou muito perto de morrer por conta da sua condição. Passou por internações psiquiátricas em hospitais públicos e privados e tentou múltiplas formas de tratamento. No ano passado, finalmente conseguiu se estabilizar com os remédios e terapia mais adequados para si e está se recuperando dessa fase complicada que passou por décadas de sua vida.

Lizz

Alice foi internada por seis meses após uma tentativa de suicídio grave. Ela foi diagnosticada com o transtorno de personalidade Borderline, mas nunca se identificou com esse diagnóstico. Hoje, depois de recorrer à médicos particulares devido a precarização do sistema público na área de saúde mental, ela obteve o diagnóstico de Transtorno do Espectro Autista e trabalha no ramo artístico como cantora e *videomaker*.

Performer (Ofélia)

Clotilde, uma artista amadora francesa que atualmente está no ensino médio e está perseguindo suas muitas paixões como fotógrafa, escritora, atriz, pintora e muito mais.

ROTEIRO / DECUPAGEM

Cena 1 – INT – QUARTO DA OFÉLIA – DIA

A *performer* está deitada no quarto em um plano *God's eye view*, enquanto ouve-se seus familiares agressivamente tentando tirá-la da cama. Ela começa a se mexer e, conforme se movimenta, a imagem se desdobra em dupla exposição.

A personagem sai da cama com um puxão para fora do plano.

Cena 2 – ABERTURA

Flores são submersas em resina e aparece o título do filme (*Todas as Minhas Filhas*).

Cena 3 – EXT – PONT DU DIABLE – DIA (BLUE HOUR)

A *performer* está repousando nas rochas e na natureza ao redor (em um estado perpétuo de inércia depressiva).

Cena 4 – ENTREVISTA ONLINE: ISABELLA – DIA

Através de uma chamada de vídeo, a diretora e Isabella conversam sobre as primeiras impressões do hospital psiquiátrico.

Isabella: fala que demorou para pedir ajuda. Os pais não queriam interná-la, mas não tiveram escolha e ela acabou na ala infantil do hospital psiquiátrico do SUS (sistema público de saúde brasileiro). Imagem: *talking head*.

Bianca: conto um pouco da crise que me levou ao hospital (meses inerte na cama, sem comer ou fazer absolutamente qualquer coisa). Imagem: *flashbacks* da *performer* na cama.

Bianca: conto que minha história foi parecida, também falo da resistência da minha mãe em aceitar a internação quando ela viu o cenário do hospital. Imagem: animação em loop de pessoas nas dez camas da pequena ala psiquiátrica (uma pessoa amarrada, uma pessoa coberta, uma pessoa nua, uma pessoa chorando) e alguém andando em círculos. Há várias moscas na sala. Não há nada na sala exceto as dez camas, uma porta do banheiro, uma porta para o pequeno pátio, uma grande janela com grades de abertura minúscula e uma mesa grande dos enfermeiros separando as camas da porta de saída.

Isabella: confirma o choque inicial que foi entrar pela primeira vez na ala. E, narra que nos primeiros minutos ela já foi amarrada por tentar se machucar devido ao susto. Imagem: animação *mixed media* e experimentações de montagem.

Bianca: falo da minha experiência com contenção. Imagem: *Zoom in* em uma animação de garota amarrada numa cama (*God's eye view*). Sem cenário, apenas uma garota amarrada na cama e *zoom in*...

Isabella: fala que a enfermeira deu um tapa nela, e, opina que ela não precisava ser amarrada, só precisava de uma conversa. Imagem: *talking head*.

Cena 5 – ENTREVISTA ONLINE: BIA S. – DIA

A diretora e Beatriz S. conversam sobre contenção.

Bianca: falo que a primeira vez que a vi ela estava sendo contida. Imagem: *talking head*.

Bia S.: fala que tem mais surtos dentro do que fora e que o lugar é tedioso. Imagem: *talking head*.

Bianca: explica como não há nada para fazer no hospital, sem atividades terapêuticas, ambiente claustrofóbico (lugar branco com manchas na parede de mãos que também andavam pelo mesmo corredor repetidamente). Imagem: loop de uma animação em *close-up* de mãos passando de um lado para o outro em uma parede branca com *blur* como “fantasmas do passado”. Representando as pessoas que andavam no corredor tocando a parede, algumas mãos passam correndo, outras lentamente. Não se enxerga com clareza pois há um *blur*. Uma mão surge da esquerda para a direita como uma imagem “do presente” sem *blur*.

Cena 6 – EXT – PAREDE BRANCA – DIA

No mesmo enquadramento que a animação, em um *crossfade*, surge a mão da Ofélia passando da esquerda para a direita em uma parede branca.

Ofélia coloca as mãos juntas tensamente em frente à região pélvica.

Cena 7 – ENTREVISTA ONLINE: FERNANDA – DIA

Fernanda relata suas experiências de abuso no hospital.

Fernanda: começa a falar que aconteceram abusos. Imagem: *talking head*.

Bianca: falo que mulheres são realmente mais vulneráveis e por isso que meu filme se concentra na nossa perspectiva. Pergunto se é gatilho para ela explicar como foram essas experiências. Imagem: *talking head*.

Fernanda: relata seus dois casos de abuso. Imagem: animação abstrata e *mixed media* que denotem sufocamento e apreensão.

Fernanda: entra no assunto de que até suas roupas eram roubadas. Imagem: *talking head*.

Cena 8 – ENTREVISTA ONLINE: BIA R. – DIA

Bia R. fala sobre os abusos que viveu no hospital.

Bia R.: fala sobre sua tentativa de suicídio no banheiro da ala psiquiátrica e como a partir de então seus banhos foram supervisionados. Imagem: *talking head* e roscopia da Ofélia no rio.

Bianca: falo que me lembrei de quando uma enfermeira me depilou sem meu consentimento. Imagem: Ofélia no rio em animação *stop motion/mixed media*.

Cena 9 – ENTREVISTA ONLINE: LIZZ – DIA

Lizz explica sua experiência com agressões no hospital.

Lizz: a primeira agressão é quando fazem a revista antes de entrar na ala psiquiátrica. Imagem: *talking head*.

Lizz: fala sobre o garoto que agredia apenas mulheres na ala. Imagem: animação abstrata com cores fortes de mãos em sinal de “não/pare” (não serão bem definidas, baixa visibilidade). Objetivo é que passe a sensação de agressividade.

Lizz: fala sobre sua tentativa de suicídio. Cortar quando ela diz que “só queria morrer, só queria morrer” (ecoar essa frase). Imagem: *talking head*.

Cena 10 - EXT – PONT DU DIABLE – DIA

Ofélia está no rio, interagindo com o ambiente.

Referência: Filme – *Elena*, de Petra Costa

<https://www.youtube.com/watch?v=c8Jp-2L3jww>

Cena 11 – ENTREVISTA ONLINE: LIZZ, BIA S., ISABELLA, BIA R., FERNANDA – DIA

As moças falam sobre as coisas positivas que viveram na ala. Todas citam a irmandade que surgiu entre os pacientes.

Lizz: “Mas não vamos falar só das coisas ruins”. Conta que conheceu, gênios, professores etc. Imagem: *talking head*.

Bianca e Beatriz: falamos que também houve bons momentos, como quando conversávamos na mesa de pedra no meio de uma chuva torrencial. Imagem: animação de duas meninas em uma varanda com grades (ala psiquiátrica minúscula de um hospital grande) em cima de uma mesa de pedra. Uma garota tem cabelos azuis e a outra é extremamente magra, ambas riem alto. Há uma chuva torrencial.

Bia S.: lê a carta que eu escrevi para ela. Imagem: animação da carta sendo escrita em um estilo de máquina de escrever.

Isabella: conta como conheceu sua amiga que infelizmente se suicidou. Mas termina com ela dizendo como esse foi o ponto chave para sua recuperação. Imagem: *talking head*.

Cena 12 – EXT – PONT DU DIABLE – NOITE

Áudio das garotas falando sobre como continuaram o tratamento: ainda tomam remédio, é importante não abandonar o tratamento etc.

Imagem: Ofélia sai do rio molhada e começa a tomar remédios.

Ela abre uma cápsula no ar e de dentro cai incessantemente *glitter* na câmera.

Ouve-se as entrevistadas narrando como está o estado de sua saúde mental no momento. Como as coisas mudaram depois do tratamento psiquiátrico.

Cena 13 – ANIMAÇÃO CIBORGUE

Em cima do glitter caindo na câmera aparece a animação em pixels de uma ciborgue (feita por Érico, <https://www.ericojose.art/pixel-art>).

Dentro dos pixels passam vídeos e fotos de como estamos hoje em dia: viagens, estudos etc.

A atriz aparece jogando a coroa e feliz em um arco.

A ciborgue mostra o coração para o público.

Fim.

Apêndice 2

Ordem do Dia

FIRST SCENE – 1 (BED) – 15h40

Checklist – Equipo: 9, 10, 12, 13, 14... with pro mist. Art: 17, 19, 20, 25 (Makeup: none, except a slight purple/redish bags under the eyes)

Settings: 50fps

Shot 1 – she just looks into the void right, gently moves

Shot 2 – looks into the void left, gently moves

Shot 3 – she shakes her head gently from left to right, stops in the middle for a while (looking down), looks deeply into the void (left) put hands on the face, quickly look to the right. Look to the camera, then someone pulls her out of frame

Shot 4 – she shakes her head from middle looking down to right fast. Move from right to left and left to right. Look into the camera. Someone pulls her out of frame.

Shot 5 – she shakes and it's very agitated and someone pulls her out

SECOND SCENE – 6 (Hands) – 16h40

Checklist equipo: 9, 10, 12, 13, 14.. with and without pro mist / Parado e em movimento (with and without tripod).. Arte: 18, 21... with and without gloves / no makeup)

Settings: 30fps

*Shot 1 – without gloves, cam movement, no pro mist

*Shot 2 – without gloves, still, no pro mist (actress moves herself into frame)

*Shot 3 – gloves, move, no mist

*Shot 4 – gloves, still, no mist

Extras

Shot 5 – gloves, still, mist

Shot 6 – without gloves, still, with pro mist

Shot 7 – without gloves, movement, pro mist

Shot 8 – gloves, move, mist

INTERMISSION - 17h30

Clotilde rests at Airbnb.

I put all the shots on the laptop and let it upload.

18h, we go to the river (don't forget dried clothes)

THIRD SCENE – 9 (OPHELIA) – 18h/18h30

Me with Franck's from the window. 1° adjusts Clotilde on the scene, 2° Morgane and Mirak get the flowers from the stones to the river. Have towels nearby them and dry clothes on the car.

Settings 120p

Shot 1 – Ophelia as Elena

INTERMISSION

21h30 put archives on computer, have picnic, rest

FIFTH SCENE – 12 (REBIRTH) – 22h

Shot 1 – On the rocks we see Ophelia's hands crawling. She sits and puts the hands on her thighs. A doctor hands her a lot of medication. She takes it (gives to the doctor off camera). She crawls and is uncomfortable (hands movement). She sits again. The same doctor give her another meds. She crawls. A female doctor hands her just one blue pill. She looks at it (camera follows her hands). Se afasta. She put the pill up high, crack her head in curiosity. I get ready to shut the light. She opens the pill and I shut the light.

WRAP-UP

Dinner (pizza), dry dress, upload files, sleep

FIRST SCENE – 3 (depression inertia) – 5h

Shot in and around the bridge. Me with Franck's equipment and Morgane with mine. Checklist – 1, 2, 3, 4, 5, 6, 9, 10, 12, 13, 14, 15 (two rodes) with pro mist. Art: 18, 21, 23, 24 (make up – light blue eyeshadow, mascara, eyeliner and redish pink lips). Production: 30

FPS – 120

White balance again

Beginning of every shot: still, asleep, looking down.. middle: humming (a melody with beggining, middle and end) + improv, can sing.. ending: moving a bit like in the bed

Shot 1 – She lays on the rock on the path

Shot 2 – She lays on the floor of the path

Shot 3 – She lays on the grass

We move the car closer to the bridge

BLUE HOUR PEAK

*Shot 4 – She lays on the floor of the bridge (two or three different angles, close up)

*Shot 5 – She lays on the walls of the bridge (if safe)

*Shot 6 – She lays in places underneath the bridge (multiple angles)

*Shot 7 – She lays on the nature around the bridge (one or two rocks)

Shot 8 – She lays on the floor again (same position to shot 9)

Shot 9 – She lays on top of the table on the middle of the bridge (same position as 8)

If you still have energy, don't worry about the sky.

Shots of her walking and singing, close-ups, roll-b

+ audio = forests sounds

+ audio = her humming the melody 3 times

+ audio = humming singing improv

MATERIAL

EQUIPAMENTO – OK

(Me)

1 - Canon T5i

2 - 18-55mm

3 - Tripé

4 - Notebook

5 - HD Externo

6 - Xuxinha

(Morgane)

7 - Phone 4K

8 - Gerador de energia (para carregar bateria e notebook)

(Franck)

9 - Sony A7s III

10 - Lente 24-70mm

11 - Lente 70-180mm

12 - 2 Cartes SD rapides 64 GB (128gb)

13 - 2 Batteries NP-FZ100 + Chargeur

14 - 1 Trépied

15 - 1 Microphone RODE

ARTE – OK

16 – Pro Mist (vaselina)

17 - Almofada

18 - Vestido

19 - Pijama

20 - Lençol

21 - Luva

22 - Glitter

23 - Coroa de Flores

24 - Gloss azul, glitter dreamy, máscara, delineador preto, base e pó

25 - Coberta cinza

PRODUÇÃO

26 – Cobertas

27 – Toalhas

28 – Roupas secas

29 – Folha branca para *white balance*

Apêndice 3

Autorização de uso da Imagem – Clotilde Latour

Image Rights Consent Form for Minor Participation in Short Film

ALL MY DAUGHTERS / TODAS AS MINHAS FILHAS (2023)

I, [Guardian's Full Name], the parent/legal guardian of [Minor's Full Name], hereby provide consent for [Minor's Full Name] to participate in the short film titled "All My Daughters" ("the Film") produced by Bianca do Rego Silva ("the Producer").

I understand and agree to the following terms and conditions:

Consent for Image and Likeness Usage:

I grant the Producer and their representatives the irrevocable right and permission to photograph, record, film, and use [Minor's Full Name]'s name, voice, image, likeness, and performance in connection with the production, advertising, distribution, and promotion of the Film.

Purpose of Usage:

The images, recordings, and footage captured during the Film's production may be used in various media formats, including but not limited to film, television, online platforms, social media, promotional materials, and other related channels.

Release and Waiver:

I hereby release, discharge, and hold harmless the Producer, its affiliates, employees, representatives, and assigns from any and all claims, demands, or causes of action that I, [Guardian's Full Name], or [Minor's Full Name] may have against them arising out of or in connection with the use of [Minor's Full Name]'s image, likeness, and performance as permitted by this consent form.

Compensation:

I understand that [Minor's Full Name] will not receive any monetary compensation or royalties for their participation in the Film or for the use of their image and likeness as described in this consent form.

Usage Rights:

The rights granted to the Producer are worldwide, royalty-free, perpetual, and include the right to sublicense to third parties for the purposes stated in this consent form.

Minor's Ongoing Rights:

This consent does not grant the Producer permission to use [Minor's Full Name]'s image, likeness, or performance in any manner that may be considered harmful, inappropriate, or exploitative. The Producer agrees to use [Minor's Full Name]'s image, likeness, and performance responsibly and in accordance with applicable laws and industry standards.


Confidentiality:

The Producer agrees to handle all personal information provided by [Guardian's Full Name] and [Minor's Full Name] in accordance with applicable privacy laws and to maintain the confidentiality of such information.

Governing Law:

This consent form shall be governed by and construed in accordance with the laws of Europe.

I, [Guardian's Full Name], acknowledge that I have read this consent form and fully understand its contents. By signing below, I consent to the participation of [Minor's Full Name] in the Film and agree to be legally bound by the terms and conditions outlined in this document.

Guardian's Signature: 

Guardian's Full Name: HERREYRE LATOUR Carine

Date: 05/08/2023

Minor's Signature (if applicable, depending on the minor's age): CLOTILDE

Minor's Full Name: LATOURE CLOTILDE

Date: 05/08/2023
